

Uma constelação de saberes: *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino

A knowledge constellation: *Invisible cities*, by Italo Calvino

Una constelación de saberes: *Las ciudades invisibles*, de Italo Calvino

Maria Elisa Rodrigues Moreira
Universidade Federal de Mato Grosso (PNPD/CAPES)

Resumo

Neste artigo, procuro apontar alguns dos caminhos pelos quais o livro *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino, publicado em 1972, continua a mobilizar leituras diversas. Para tanto, utilizo como operadores teórico-metodológicos três noções contemporâneas — complexidade, ecologia de saberes e inespecificidade — que possibilitam observar como o texto calviniano se constitui como uma constelação de saberes. Analiso, nesse processo, a estrutura rigorosa de construção do livro, as estratégias de classificação e ordenação que o norteiam, um dos diálogos entre as personagens Marco Polo e Kublai Khan e duas descrições de cidades feitas por Marco Polo, esses últimos tomados como exemplares para a reflexão sobre o conjunto da narrativa. Ao fim do percurso pelo atlas construído em *As cidades invisíveis*, concluo que longe de se esgotar, apesar de seus quase cinquenta anos, o livro é ainda prenhe de potencialidade, apresentando-se como fomentador da reflexão crítica sobre os saberes associados ao literário, em suas múltiplas perspectivas.

Palavras-chave: Italo Calvino; saber; inespecificidade.

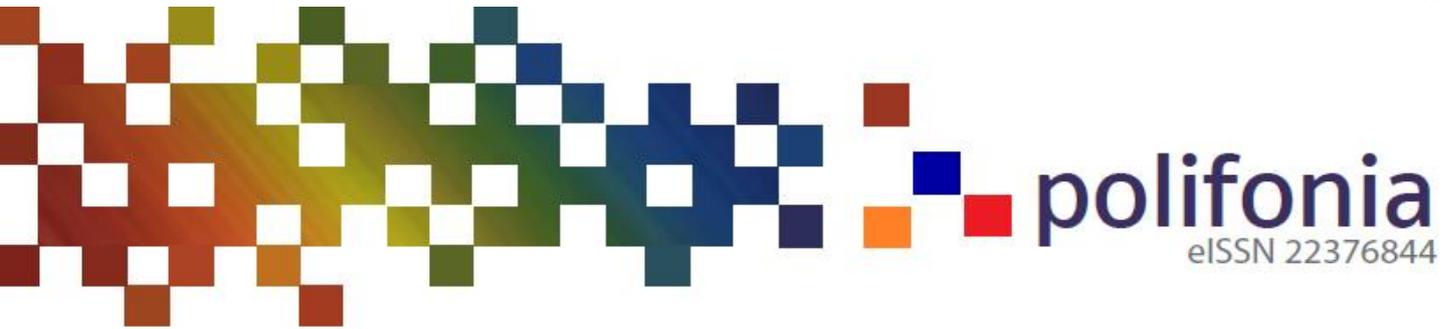
Abstract

This paper aims to analyze some paths in which *Invisible Cities*, by Italo Calvino, published in 1972, continues to mobilize a great range of readings. Therefore, theoretical-methodological operators as three contemporary notions were used — complexity, ecology of knowledge and non-specificity — which make it possible to observe how the Calvinian text is constituted as a knowledge constellation. In this process were analyzed the book's hard structure construction, the classification and ordination strategy which guide it, one of the dialogues between Marco Polo and Kublai Khan, and two cities descriptions made by Marco Polo, these last ones taken as exemplaries to the reflection about the narrative set. At the end of the Atlas route built in *Invisible Cities*, it is possible to conclude that, far from deplete, in spite of its almost fifty years, the book still is replete of potentiality, presenting itself as a critical reflection forwarder about the knowledges associated to the literary knowledges, in their multiple perspectives.

Keywords: Italo Calvino; knowledge; non-specificity

Resumen

En este artículo, busco apuntar algunos de los caminos por los cuales el libro *Las ciudades invisibles*, de Italo Calvino, publicado en 1972, sigue movilizandando lecturas diversas. Para ello, utilizo como operadores teórico-metodológicos tres nociones contemporâneas — complejidad, ecología de saberes e inespecificidad — que nos permite observar cómo el texto calviniano se constituye como una constelación de saberes. Analizo, en ese proceso,



la estructura rigurosa de construcción del libro, las estrategias de clasificación y ordenación que lo nortean, uno de los diálogos entre los personajes Marco Polo y Kublai Khan y dos descripciones de ciudades hechas por Marco Polo, estos últimos tomados como ejemplares para la reflexión sobre el conjunto de la narrativa. Al fin del recorrido por el atlas construido en *Las ciudades invisibles*, concluyo que, lejos de agostarse, y pese a los casi cincuenta años, el libro sigue aun lleno de potencialidad, presentándose como fomentador de la reflexión crítica sobre los saberes asociados a lo literario, en sus múltiples perspectivas.

Palabras clave: Italo Calvino; saber; inespecificidad

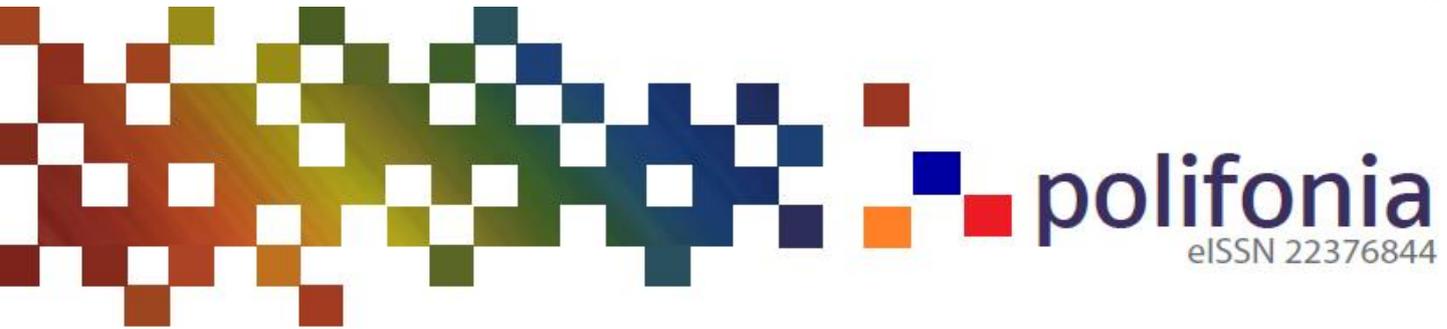
[...] la parzialità di ogni discorso che tentavo potevo superarla solo aggiungendo altri discorsi convergenti o divergenti.

Italo Calvino, Carta a Claudio Varese, jan. 1973

Introdução

Na conferência sobre a “Exatidão”, um dos valores literários destacados por Italo Calvino em suas *Seis propostas para o próximo milênio* (1995, p. 85), o escritor italiano afirma que acredita que *As cidades invisíveis* seja o seu livro no qual tenha “dito mais coisas”, o que atribui ao fato de ter “[...] conseguido concentrar em um único símbolo todas as [suas] reflexões, experiências e conjecturas”. O símbolo em questão era a cidade, construída nas breves narrativas que compõem o livro como uma espécie de espaço em que se tornava evidente a tensão constante entre “a racionalidade geométrica” e o “emaranhado das existências humanas”, ou, para recuperar outra imagem utilizada por Calvino, entre o cristal e a chama.

Ao reler ambos os livros, buscando identificar neles as maneiras pelas quais Calvino trabalhou em sua literatura a questão do saber, um dos temas condutores do evento do qual se origina este artigo, penso em *As cidades invisíveis* como um texto no qual se apresenta, dentre as “muitas coisas” ditas pelo escritor, também a construção de uma constelação de saberes que toma a cidade como uma espécie de “vórtice” a partir do qual são liberados conhecimentos advindos dos mais diversos campos de reflexão. Se Calvino aproximou esse livro da “exatidão”, remetendo à nitidez das imagens construídas e ao rigor de seu projeto, ao longo deste texto procurarei aproximá-lo da “multiplicidade”, outro valor caro à Calvino, e entender o livro como



uma espécie de “enciclopédia aberta” que pode ser lida pelas lentes da complexidade, da ecologia dos saberes e da inespecificidade.

Afinal, como pontua o escritor,

As cidades são um conjunto de muitas coisas: de memória, de desejos, de signos de uma linguagem; as cidades são lugares de troca, como explicam todos os livros de história da economia, mas essas trocas não são apenas trocas de mercadorias, são trocas de palavras, de desejos, de recordações.¹ (CALVINO, 1993, p. ix-x, tradução minha).

E, para dizer dessas muitas coisas, é preciso que se construa uma narrativa também ela múltipla, complexa, aberta ao diálogo e à diversidade.

2. Abrindo o mapa das cidades calvinianas

As cidades invisíveis é um livro com uma gênese² e uma estrutura peculiares. Publicado em 1972, o processo de elaboração dessas narrativas se estendeu por diversos anos, nos quais Calvino produziu uma série de textos breves e díspares que arquivou ao longo do tempo, conforme ele mesmo relata:

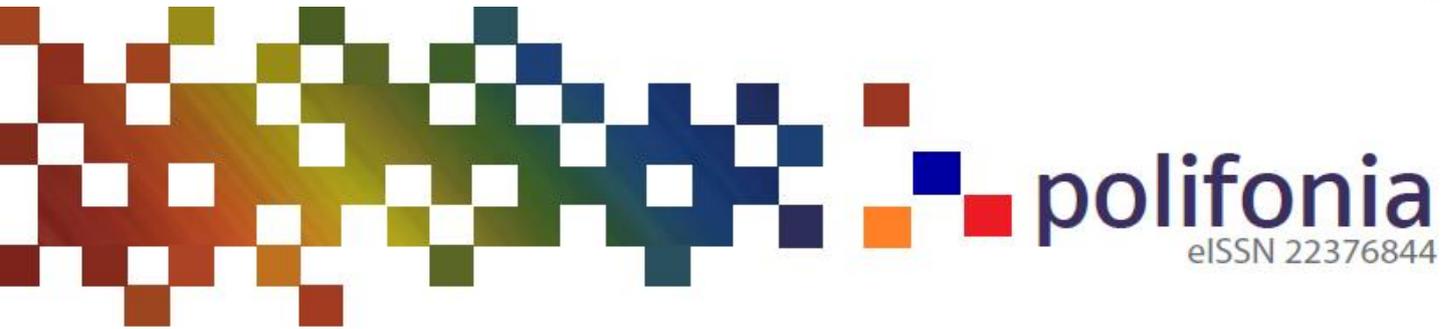
O livro nasceu um pedacinho de cada vez, a intervalos também longos, como poesias que colocava no papel, *seguindo as mais variadas inspirações*. Eu, ao escrever, procedo por séries: tenho tantas pastas onde coloco as páginas que me ocorre escrever segundo as ideias que me passam pela cabeça, ou apenas anotações de coisas que queria escrever. Tenho uma pasta para os objetos, uma pasta para os animais, uma para as pessoas, uma pasta para os personagens históricos e uma outra para os heróis da mitologia; tenho uma pasta sobre as quatro estações e uma sobre os cinco sentidos; *em uma recolho páginas sobre cidades e paisagens da minha vida e em uma outra cidades imaginárias, fora do espaço e do tempo*. Quando uma pasta começa a encher-se de folhas, me ponho a pensar no livro que delas posso tirar.

[...]

Mas todas estas páginas juntas não eram ainda um livro: um livro (eu acredito) é algo com um princípio e um fim (ainda que não seja um romance em senso estrito), é um espaço no qual o leitor deve entrar, girar, talvez perder-se, mas em certo ponto

¹ No original: “Le città sono un insieme di tante cose: di memoria, di desideri, di segni d’un linguaggio; le città sono luoghi di scambio, come spiegano tutti i libri di storia dell’economia, ma questi scambi non sono soltanto scambi di merci, sono scambi di parole, di desideri, di ricordi.”

² Mario Barenghi apresenta, em “L’indice delle Città invisibili. Quattro fogli dall’archivio di Calvino”, um rico estudo da gênese d’*As cidades invisíveis* mediante a análise de manuscritos calvinianos (BARENGHI, 2007, p. 253-270).



encontrar uma saída, ou talvez numerosas saídas, a possibilidade de abrir-se um caminho para sair.³ (CALVINO, 1993, p. v-vi, tradução e grifos meus).

Essa declaração de Calvino, que compõe a apresentação de uma das edições italianas do livro,⁴ diz-nos de um processo criativo em que se mesclam a chama — numa espécie de desordem inicial, em que “as mais variadas inspirações” originam textos diversos, dentre os quais aqueles sobre cidades também diversas, ancoradas seja na memória, seja na imaginação — e o cristal — o livro a surgir desse “emaranhado das existências humanas”, que será organizado conforme uma “racionalidade geométrica” —, e a tensão entre esses dois movimentos perpassa todo o livro fazendo eclodir a reflexão sobre o conhecimento em seus mais diversos aspectos.

Essa eclosão pode ser percebida já no modo pelo qual o escritor italiano afirma buscar a ordenação desse material:

Desde o princípio tinha colocado no alto de cada página o título de uma série: *As cidades e a memória*, *As cidades e o desejo*, *As cidades e os símbolos*; uma quarta série a havia chamado *As cidades e a forma*, título que depois se revelou muito genérico e acabou por ser distribuído em outras *categorias*. Por um determinado tempo, continuando a escrever cidades, era incerto se multiplicaria as séries, ou as restringiria a pouquíssimas (as duas primeiras eram fundamentais) ou se as faria desaparecerem todas. *Muitos fragmentos não sabia como classificá-los e então procurava por definições novas.*⁵ (CALVINO, 1993, p. vii, tradução e grifos meus).

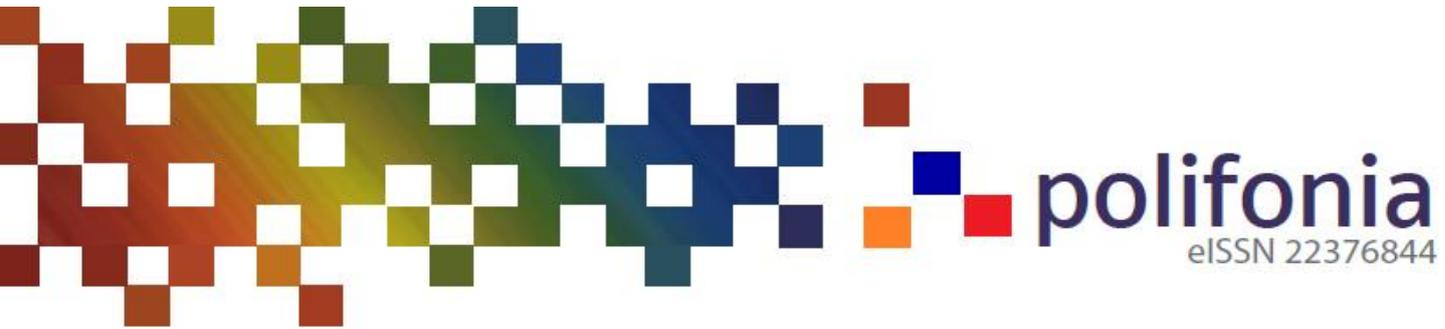
³ No original: “Il libro è nato un pezzetto per volta, a intervalli anche lunghi, come poesie che mettevo sulla carta, seguendo le più varie ispirazioni. Io nello scrivere vado a serie: tengo tante cartelle dove metto le pagine che mi capita di scrivere, secondo le idee che me girano per la testa, oppure soltanto appunti di cose che vorrei scrivere. Ho una cartella oer gli oggetti, una cartella per gli animali, una per le persone, una cartella per i personaggi storici e un'altra per gli eroi della mitologia; ho una cartella sulle quatro stagioni e una sui cinque sensi; in una raccolgo pagine sulle città e i paesaggi della mia vita e in un'altra città immaginarie, fuori dallo spazio e dal tempo. Quando una cartella comincia a riempirsi di fogli, comincio a pensare al libro che ne posso tirar fuori.

[...]

Ma tutte queste pagine insieme non facevano ancora un libro: un libro (io credo) è qualcosa con un principio e una fine (anche se non è un romanzo in senso stretto), è uno spazio in cui il lettore deve entrare, girare, magari perdersi, ma a un certo punto trovare un'uscita, o magari parecchie uscite, la possibilità d'aprirsi una strada per venirne fuori.”

⁴ Este texto de apresentação não foi incluído na edição brasileira de *As cidades invisíveis*, tampouco na primeira edição italiana, pela Editora Einaudi. Trata-se de uma conferência proferida em inglês por Calvino, em 1983, para os estudantes da Graduate Writing Division da Columbia University de Nova York, adicionado quando da publicação do livro nas edições Oscar Opere di Italo Calvino, da Editora Mondadori.

⁵ No original: “Questa volta fin da principio avevo messo in testa a ogni pagina il titolo d'una serie: *Le città e la memoria*, *Le città e il desiderio*, *Le città e i segni*; una quarta serie l'avevo chiamata *Le città e la forma*, titolo che poi si rivelò troppo generico e finì per essere spartito tra altre categorie. Per un certo tempo, andando avanti a



Ao buscar ordenar o caos, Calvino trabalha com processos de classificação e atribuição de sentidos aos fragmentos textuais que tinha até então recolhido: se relembarmos Michel Foucault, em *As palavras e as coisas* (FOUCAULT, 2002), sabemos que a ordenação e a classificação são fundamentais ao processo de pensamento,⁶ e esse exercício calviniano de ordenar sob rubricas seus textos já aponta para a multiplicidade cognoscitiva que irá permear o livro, quando concluído. Mario Barenghi indica que Calvino promove, em *As cidades invisíveis*, uma “classificação aberta”, perpassada por “[...] uma pluralidade de movimentos e desenvolvimentos”⁷ (BARENGHI, 2007, p. 269, tradução minha), levando-nos em direção a “[...] uma espécie de compêndio ou atlas do imaginário calviniano: um repertório de temas, imagens, situações, imperativos e perguntas que povoam variadamente a obra do escritor [...]”⁸ (BARENGHI, 2005, p. 7, tradução minha). E o crítico elenca alguns desses elementos, os quais serão distribuídos por Calvino em seu exercício classificatório:

Aqui está então a evocação do fabuloso Oriente entrelaçado com reflexões semiológicas atualizadas;⁹ aqui estão velhos e novos impasses existenciais objetivados em uma atmosfera fabular; aqui está a imaginação aventureira juntamente com a intuição sociológica, as sutis reminiscências do mito clássico ao lado dos pesadelos irritantes das utopias negativas: e ainda a Idade Média e a modernidade, os bazares e o xadrez, Veneza e o deserto, Borges e o *Milione*, as *Mil e uma noites* e o *Curso de Linguística Geral* de Saussure.¹⁰ (BARENGHI, 2005, p. 7, tradução minha).

Essa conjunção de temas, de obras, de campos do saber realizada por Calvino na tecitura de *As cidades invisíveis* parece-me poder ser lida a partir daquilo a que o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos chama de “ecologia dos saberes” (SANTOS, 2008a, 2018), um

scrivere città, ero incerto tra il moltiplicare le serie, o restringerle a pochissime (le prime due erano fondamentali), o farle sparire tutte. Tanti pessi non sapevo classificarli e allora cercavo delle definizioni nuove.”

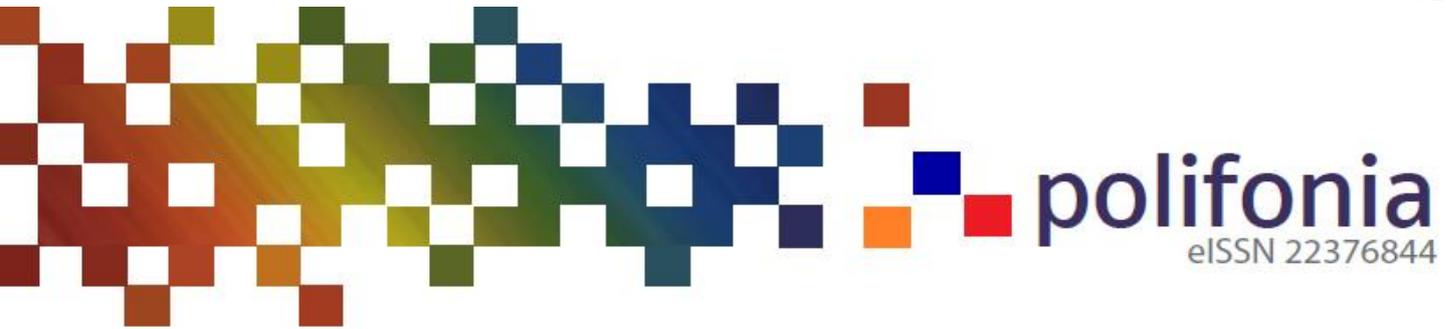
⁶ Sobre ordem e classificação na constituição do pensamento, ver também Pombo (1998), Vignaux (2000) e Gil (2000).

⁷ No original: “Una classificazione ‘aperta’, che implichi (o contempli) una pluralità di moti e sviluppi [...]”.

⁸ No original: “[...] una sorta di compendio o di atlante dell’immaginario calviniano: un repertorio di temi, immagini, situazioni, imperativi e interrogativi che variamente popolano l’opera dello scrittore [...]”.

⁹ Mais uma vez, é difícil não pensar na famosa introdução de Foucault ao seu *As palavras e as coisas* (2002).

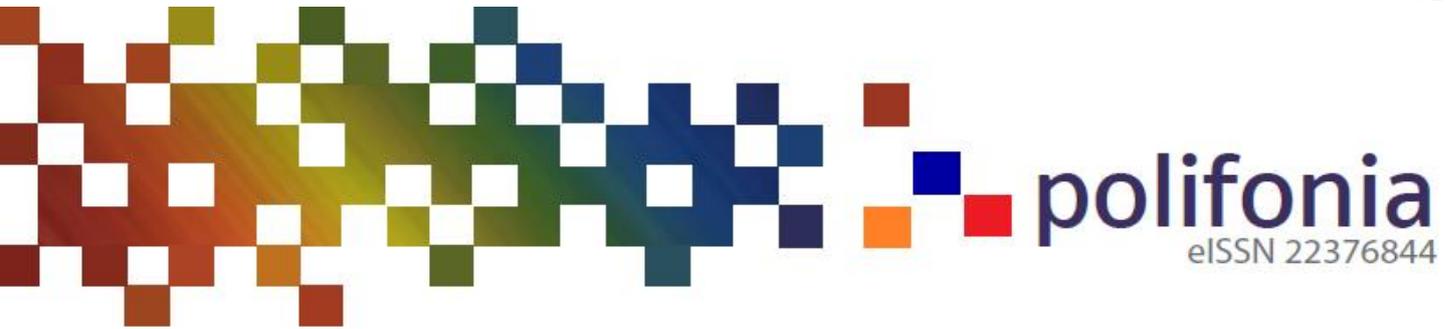
¹⁰ No original: “Ecco allora l’evocazione del favoloso Oriente intrecciarsi ad aggiornate riflessioni semiologiche; ecco antiche e nuove *impasses* esistenziali oggettivate in un’atmosfera fiabesca; ecco l’immaginazione avventurosa insieme all’intuizione sociologica, le sottili reminiscenza del mito classico accanto agli incubi assillanti delle utopie negative: e ancora il Medio Evo e la modernità, i bazar e gli scacchi, Venezia e il deserto, Borges e il *Milione*, le *Mille e una notte* e il *Corso di linguistica generale di Saussure*.”



novo paradigma para o conhecimento que se constitui sob a perspectiva da convivência entre diferentes epistemologias e entre distintos sujeitos do conhecimento. Nessa perspectiva, conhecimentos científicos, os quais nos paradigmas tradicionais da ciência são tomados como os únicos válidos, são postos em diálogo, numa perspectiva contra-hegemônica, com conhecimentos oriundos de outros modos de saber, não para invalidar os primeiros, mas para ressaltar que todo tipo de conhecimento é válido e apresenta limitações. Esse modo de se pensar o conhecimento é capaz de fazer com que a reflexão avance também rumo às práticas sociais e ao lugar que nelas ocupam a imaginação, a literatura, a arte. É, pois, uma possibilidade de pensamento em que se considera fundamental a ampliação da “diversidade epistemológica do mundo” (SANTOS; MENESES; NUNES, 2005). Essa diversidade fica evidenciada no arrolamento feito por Barengi, em que o conhecimento linguístico, semiológico, sociológico, une-se àquele oriundo das narrativas clássicas, da mitologia, da história, fazendo do livro de Calvino essa espécie de compêndio do mundo...

A preocupação com essa diversidade e diálogo entre diferentes conhecimentos é cara à poética calviniana, como se evidencia já no texto “Filosofia e literatura”, de 1967, no qual Calvino recorre à imagem de um *ménage à trois* para aproximar filosofia, ciência e literatura (CALVINO, 2009, p. 185), ou nos últimos textos por ele escritos, reunidos em *Seis propostas para o próximo milênio* (CALVINO, 1995), dos quais destaco algumas imagens presentes em “Multiplicidade”: a literatura como “método de conhecimento” e “rede de conexões entre os fatos, entre as pessoas, entre as coisas do mundo” (p. 121); como uma “enciclopédia aberta” (p. 131), nascida “da confluência e do entrechoque de uma multiplicidade de métodos interpretativos, maneiras de pensar, estilos de expressão” (p. 131); como uma maneira de “tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos numa visão pluralística e multifacetada do mundo” (p. 127); enfim, o “conhecimento como multiplicidade” (p. 130) ou, para dialogar com Boaventura de Sousa Santos, uma ecologia de saberes.

Esse universo diversificado de temas de interesse e reflexão, prenunciado pelo modo com que Calvino organizou os textos que compunham sua pasta sobre cidades imaginárias,



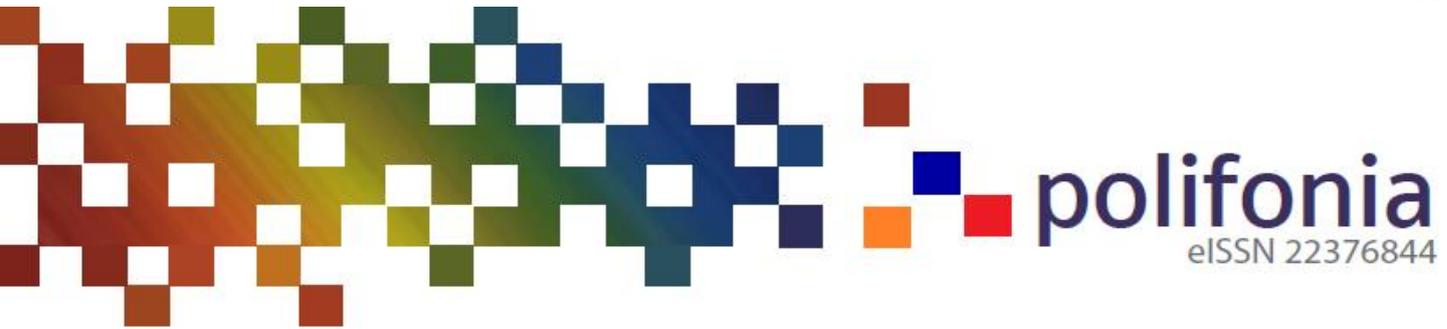
atinge um extremo rigor classificatório¹¹ quando analisamos a estrutura de *As cidades invisíveis* — a qual serviu de mote a inúmeras reflexões críticas¹² —, que se dá a perceber já no sumário. O livro, que pode ser entendido como uma espécie de atlas do império de Kublai Khan, tal qual este lhe é narrado pelo viajante Marco Polo, está dividido em nove partes. Em cada uma dessas partes estão incluídos cinco relatos de viagem — que consistem na descrição de uma cidade visitada/imaginada, todas elas com nomes de mulher¹³ —, em capítulos numerados de acordo com as onze rubricas temáticas — as cidades e a memória, as cidades e o desejo, as cidades e os símbolos, as cidades delgadas, as cidades e as trocas, as cidades e os olhos, as cidades e o nome, as cidades e os mortos, as cidades e o céu, as cidades contínuas, as cidades ocultas — pelas quais Calvino organizou o material, os quais são acompanhados por dois diálogos entre Khan e Polo: o primeiro antecede os relatos, o segundo os encerra. A primeira e a última partes diferenciam-se das demais por apresentarem, cada uma, dez relatos em lugar de cinco.

Cada uma das rubricas temáticas sob as quais os relatos estão agrupados contém cinco narrativas, numeradas sequencialmente. Entre as partes dois e oito, essas temáticas dividem-se de modo que em cada uma das partes os temas não se repetem e sua sequência é sempre semelhante, como mostra o fragmento do sumário a seguir:

¹¹ Ainda que Calvino afirme que seu sistema é “il più smplice possibile”, *o mais simples possível* (CALVINO, 1993, p. vii), a complexidade do arranjo indica o extremo cuidado com a criação dessa estrutura com múltiplos caminhos de organização combinatória.

¹² Esses textos críticos são objeto de reflexão por parte de Mario Barenghi, nas “Note e notizie sui testi” (2004), e compõem também um capítulo específico do livro *Le città invisibile de Italo Calvino e la molteplicità conoscitiva* (ALBORINI; CRAPIZ; DE MARCHI, 2005).

¹³ Barenghi (2007, p. 259) destaca que, numa breve reflexão sobre a onomástica calviniana nesta narrativa, é possível perceber referências intertextuais diversas, que perpassam a literatura de todos os períodos (do mundo clássico ao moderno), incluindo o teatro e a ópera.



④	
	As cidades e os símbolos 5	69
	As cidades delgadas 4	72
	As cidades e as trocas 3	75
	As cidades e os olhos 2	77
	As cidades e o nome 1	79
	81
	84
⑤	
	As cidades delgadas 5	87
	As cidades e as trocas 4	90
	As cidades e os olhos 3	92
	As cidades e o nome 2	94
	As cidades e os mortos 1	96
	99
	102
⑥	
	As cidades e as trocas 5	103
	As cidades e os olhos 4	107
	As cidades e o nome 3	110
	As cidades e os mortos 2	113
	As cidades e o céu 1	115
	118
	121
⑦	
	As cidades e os olhos 5	123
	As cidades e o nome 4	125
	As cidades e os mortos 3	127
	As cidades e o céu 2	131
	As cidades contínuas 1	134
	135
	142

Figura 1 – Sumário de *As cidades invisíveis* (CALVINO, 2017).

Nessa estrutura, portanto, cada cidade recebe três classificações distintas: a inscrição em uma das rubricas temáticas, a vinculação a um número de ordem e a inserção em um dos capítulos do livro, os quais, por sua vez, apresentam uma estrutura interna de organização: nos capítulos de 2 a 8, as cidades são classificadas segundo sua rubrica, sem se repetir esta rubrica, e segundo uma ordem sequencial decrescente, de modo que a primeira cidade do capítulo encerra determinada rubrica e a última cidade inaugura outra. O primeiro e o último capítulos funcionam como “molduras”, iniciando e finalizando a série, assim como ocorre com os diálogos em cada capítulo.¹⁴

Calvino, em suas anotações, assim representa graficamente a estrutura do livro, como um esquema diagonal que permite a leitura em três sentidos — a leitura em sentido horizontal corresponderia à sucessão dos capítulos, a série vertical à sequência das rubricas e a leitura em diagonal à reprodução da ordem numérica sequencial:

¹⁴ Sobre o uso das narrativas-moldura na poética calvinianas, ver Pessoa Neto (1995).

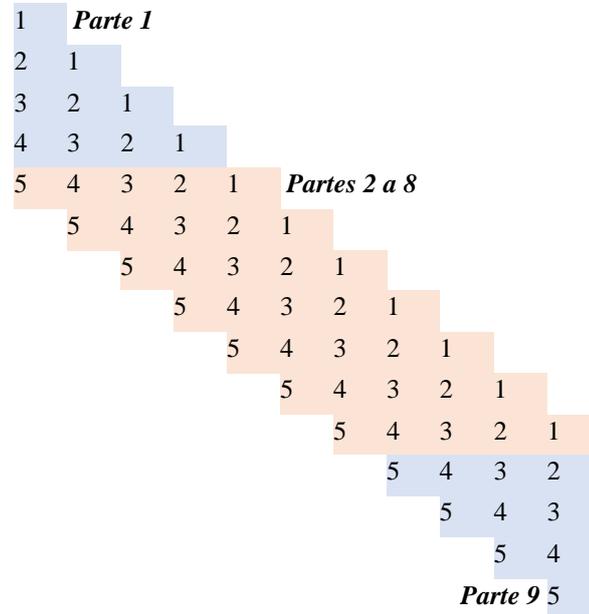
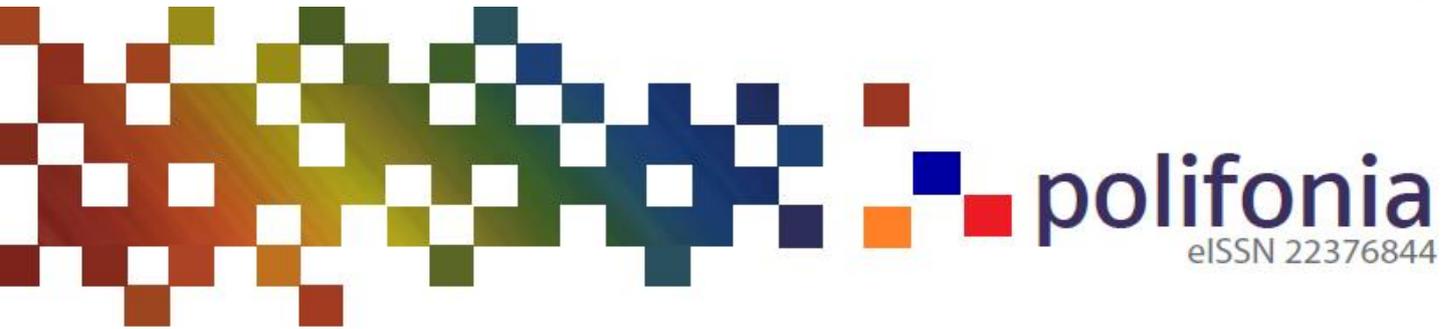
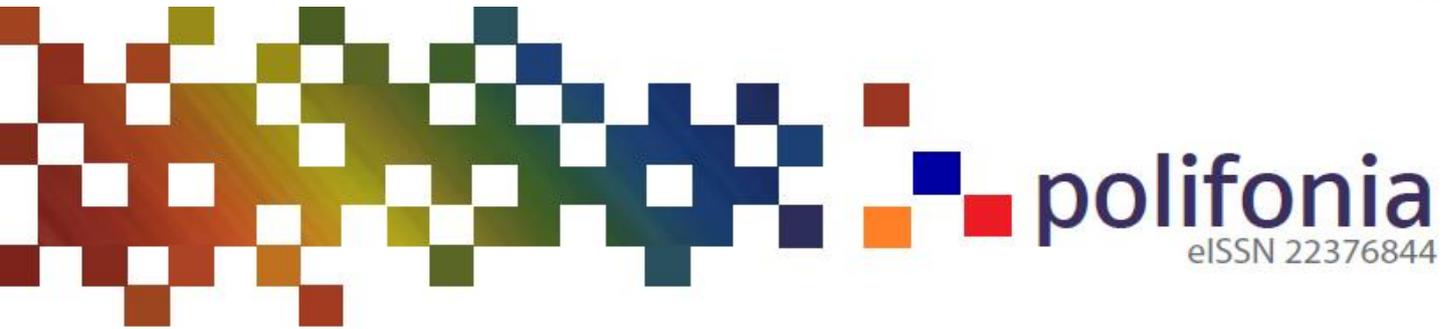


Figura 2 – “Estrutura simples” de *As cidades invisíveis* (BARENGHI, 2004, p. 1360).

Se, por um lado, o relato de cada cidade, como discutiremos na próxima seção, apresenta-se como uma pequena porção dos saberes que se dispersam ao longo do livro, por outro lado podemos dizer que o que mobiliza esses saberes e os coloca em contato são as conversas entre Marco Polo e Kublai Khan. No sumário, esses diálogos, por vezes silenciosos, aparecem representados por “.....”, iniciando e encerrando cada capítulo do livro e, portanto, também o próprio livro.

3. O trajeto da complexidade: os diálogos entre Polo e Khan

Claudio Milanini, em “Arte combinatoria e geografia mentale: *Il Castello dei destini incrociati e Le città invisibile*” (1990, p. 127-128), aborda o fato de Calvino, no livro em análise, fazer da “narrativa-moldura” mais que um texto independente, articulando-a de maneira complexa com as breves narrativas que ela delimita. Em *As cidades invisíveis*, essa moldura se apresenta como uma espécie de jogo de encaixes, que se vale de peças semiautônomas, mas articuladas por uma série de cruzamentos e interseções, que revela não somente as regras



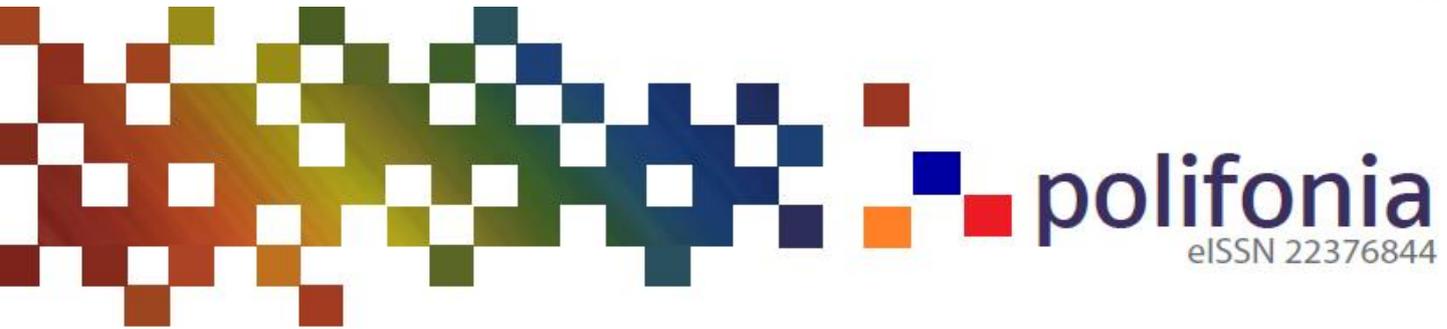
representado — no caso, as cidades —, mas antes percebê-lo por meio do que nele se congrega, do que nele aparece como ligação, enfim, do que nas cidades se apresenta como um tecido *complexo*, na perspectiva traçada por Edgar Morin.

Em *Introdução ao pensamento complexo* (2007, p. 13), Morin pontua que a complexidade não deve ser tomada como uma resposta definitiva ao problema do conhecimento, mas, antes, ser entendida como a “palavra-problema” que ela é, uma vez que corresponde a um modo de se pensar marcado pela tensão, pela multiplicidade e pela heterogeneidade:

O que é a complexidade? A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituições heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza...

A complexidade, assim, se ancora num movimento contínuo e tensionado entre o desejo de uma totalidade do conhecimento e a consciência de sua impossibilidade: a crise instaurada no paradigma científico dominante — tal qual abordada por Boaventura de Sousa Santos (2003, 2008b), Isabelle Stengers (2002) ou Jean-François Lyotard (2008), por exemplo — evidenciou que nenhum saber pode ser conclusivo, fechado ou totalizante, uma vez que aponta sempre para um horizonte de não saberes, ou de ignorâncias, que o acompanham. Pensar o conhecimento sob a ótica da complexidade torna visíveis os riscos, as incertezas, as conexões heterogêneas entre objetos e práticas diversos, numa configuração que privilegia as interfaces, os pontos de convergência, os movimentos de bifurcação e a multiplicidade de entradas e saídas possíveis, num movimento similar ao que é realizado em *As cidades invisíveis*, como bem pontua Milanini (1990, p. 134, tradução minha): “Calvino descarta gradualmente — como insuficientes — várias hipóteses cognitivas e classificatórias, procedendo de negação em negação e de aproximação em aproximação.”¹⁵

¹⁵ No original: “Calvino scarta via via – come insufficienti – varie ipotesi conoscitive e classificatorie, procedendo di negazione in negazione e di approssimazione in approssimazione.”



Selecionei, aqui, um único desses diálogos que me parece exemplar para que observemos como a complexidade — e seus princípios de sustentação, quais sejam, o dialogismo, a recursão organizacional e o holograma — se apresenta na narrativa calviniana. O diálogo em questão encerra a sétima parte do livro:

POLO: ...Pode ser que os terraços deste jardim só estejam suspensos sobre o lago das nossas mentes...

KUBLAI: ...E por mais longe que as nossas atribuladas funções de comandante e de mercador nos levem, ambos tutelamos dentro de nós esta sombra silenciosa, estava conversação pausada, esta tarde sempre idêntica.

POLO: A menos que não se dê a hipótese oposta: que aqueles que se afanam nos acampamentos e nos portos só existem porque nós dois pensamos neles, fechados neste tapume de bambus, sempre imóveis.

KUBLAI: Que não existem o esforço, os gritos, as pragas, o fedor, mas apenas esta azaleia.

POLO: Que os carregadores, os pedreiros, os lixeiros, as cozinheiras que limpam as entranhas do frango, as lavadeiras inclinadas sobre a pedra, as mães de família que mexem o arroz aleitando os recém-nascidos, só existem porque pensamos neles.

KUBLAI: Para falar a verdade, jamais penso neles.

POLO: Então não existem.

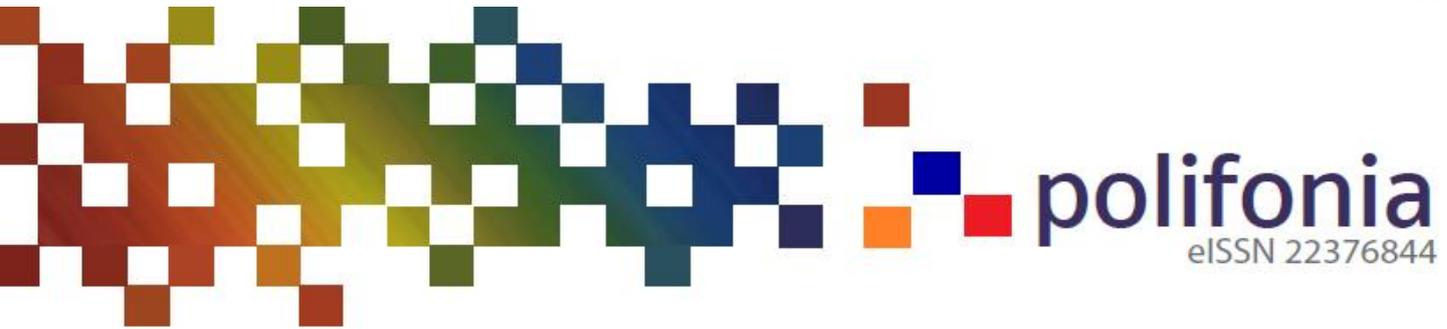
KUBLAI: Não me parece ser essa uma conjetura que nos convenha. Sem eles, jamais poderíamos continuar balançando encasulados em nossas redes.

POLO: Devemos rejeitar a hipótese, então. Portanto, a hipótese verdadeira é a outra: são eles que existem, não nós.

KUBLAI: Acabamos de demonstrar que, se nós existíssemos não existiríamos.

POLO: Ei-nos aqui, de fato. (CALVINO, 2004, p. 109-110).

O pensamento complexo, tal qual o diálogo entre Marco Polo e Kublai Khan, é um pensamento dialógico, fundado na associação de termos e objetos que podem ser, ao mesmo tempo, antagônicos, concorrentes e complementares, mas que são conjuntamente necessários a um fenômeno organizado, o que permite “manter a dualidade no seio da unidade” (MORIN, 2007, p. 74). Esse dialogismo materializa-se na conversa entre as personagens, que apontam caminhos opostos, que se anulariam, mas cujo final aponta para a convivência entre ambas as perspectivas: afinal, ainda que se existissem não existiriam, ali estão eles, a conversar. Tal processo pode ser tomado também como um modo de se compreender a recursão organizacional, constituindo-se como “[...] um processo onde os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo causas e produtores do que os faz produzir” (MORIN, 2007, p. 74): a ruptura com uma lógica linear causal promove um movimento espiralado, tal qual o de um turbilhão,

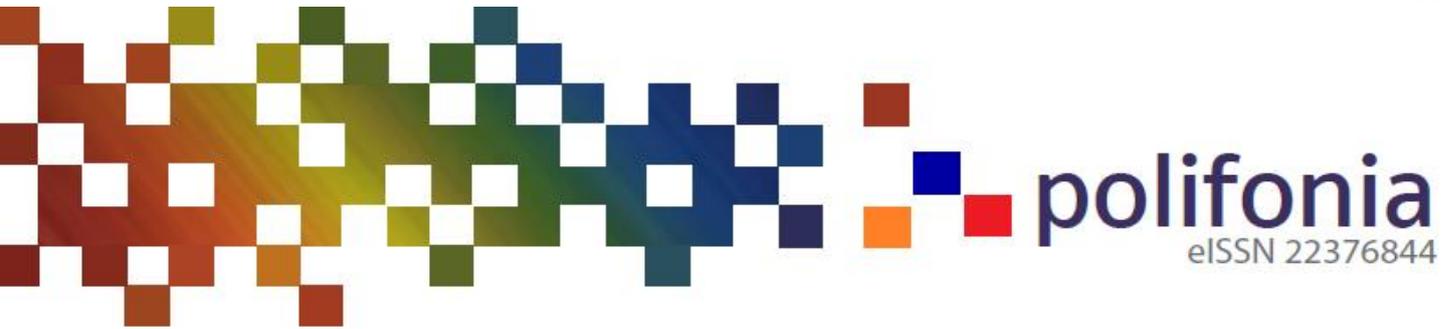


“[...] que confunde as demarcações e as fronteiras bem nítidas dos conceitos como ‘produtor’ e ‘produto’, ‘causa’ e ‘feito’, ‘um’ e ‘múltiplo’” (MORIN, 2008, p. 183). Por fim, o princípio hologramático recai também sobre as discussões entre o todo e a parte, uma vez que “[...] não apenas a parte está no todo, mas o todo está na parte” (MORIN, 2007, p. 74), de modo que se mostra inconcebível pensar o todo sem as partes e as partes sem o todo, uma vez que o conhecimento que se adquire sobre um e outro certamente se volta para ambos. Se retomarmos o diálogo entre Marco Polo e Kublai Khan, fica claro que numa perspectiva complexa não há como pensar as duas personagens sem as cidades que povoam seu imaginário, e vice-versa.

4. De Diomira a Berenice: poética do inespecífico

Em *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea* (2014), a crítica e pesquisadora argentina Florencia Garramuño percorre uma série de produções artísticas, dos mais variados gêneros e em diversos suportes, discutindo os modos pelos quais essas obras desafiam a noção de pertencimento e problematizam os processos de categorização. Seriam obras pautadas por “[...] um modo de estar sempre fora de si, fora de um lugar ou de uma categoria próprios, únicos, fechados, prístinos ou contidos” (GARRAMUÑO, 2014, p. 12). Garramuño aponta que esse movimento para fora de si pode se instituir tanto pela multiplicidade de linguagens, mídias e discursos, quanto pode também se desenvolver no interior de uma mesma linguagem, a qual passaria por uma espécie de implosão que faria dissolverem-se os limites que a cercam. No caso da literatura, é como se dessa implosão nascesse “[...] uma escrita que se distancia constantemente de qualquer tipo de particularização ou especificação, criando sempre pontes e laços de conexão inesperados entre personagens e comunidades separados, heterogêneos e muito diferentes entre si” (GARRAMUÑO, 2014, p. 18).

O livro de Calvino, ainda que constituído, como vimos nas seções anteriores, a partir de um rigoroso exercício de classificação e ordenação dos fragmentos textuais que o compõem, parece poder ser pensado à luz desse “fora de si”, uma vez que do rigor do cristal que o ordena escapam as chamas daquilo que não se permite cercar. Isso é destacado na crítica da obra, seja aquela escrita pouco após seu lançamento — como se observa nas palavras de Pier Vincenzo



Mengaldo, em 1975, para quem *As cidades invisíveis* “[...] se mostra e em muitos aspectos é o seu [livro] mais construído, ao mesmo tempo é também o mais dissolvido.” (MENGALDO, 2005, p. 46, tradução nossa) —,¹⁶ seja a produzida a um largo intervalo de tempo, como a de Fabio Pierangeli — que, mais de 20 anos após a publicação do livro, afirma que se Calvino “[...] havia começado com a busca de uma precisão descritiva, termina por encontrar a diversidade do real.” (PIERANGELI, 1997, p. 80, tradução nossa).¹⁷

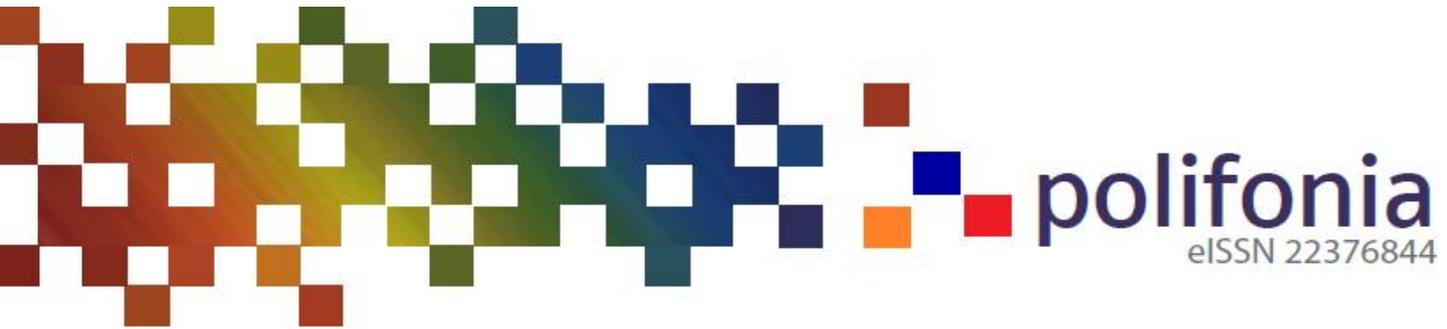
Diomira, a cidade pela qual adentramos no atlas de Kublai Khan, possibilita-nos fazer esse percurso da precisão à diversidade em seu próprio traçado narrativo, funcionando assim como a parte que remete ao todo, numa construção que remete ao princípio hologramático proposto por Edgar Morin para a complexidade:

Partindo dali e caminhando por três dias em direção ao levante, encontra-se Diomira, cidade com sessenta cúpulas de *prata*, estátuas de *bronze* de todos os deuses, ruas lajeadas de *estanho*, um teatro de *crystal*, um galo de *ouro* que canta todas as manhãs no alto de uma torre. *Todas essas belezas o viajante já conhece por tê-las visto em outras cidades.* Mas a *peculiaridade* desta é que quem chega numa noite de *setembro*, quando os dias se tornam mais curtos e as lâmpadas multicoloridas se acendem juntas nas portas das tabernas, e de um terraço ouve-se a voz de uma mulher que grita: uh!, é levado a invejar *aqueles que imaginam ter vivido* uma noite igual a esta e que na ocasião se sentiram felizes. (CALVINO, 2004, p. 11, grifos meus).

Nossa entrada em Diomira se dá pela “precisão descritiva”, que ao mesmo tempo remete à constância e à durabilidade: as cúpulas (em número de 60), as estátuas (de todos os deuses), as ruas são construídas por elementos metálicos ou a eles associados, como a *prata*, o *estanho* e o *ouro*. Mas a primeira dissolução dessa precisão se apresenta logo em seguida, com a associação dos elementos descritos a algo visto *em outras cidades*, como se o que houvesse de “próprio” a Diomira não fosse mais algo que lhe asseguraria sua especificidade. Esta, ao contrário, aparece mais uma vez dissolvida sob a forma da diversidade, da multiplicidade, uma vez que o que torna a cidade *peculiar* são os fortuitos acontecimentos cotidianos, aqueles que

¹⁶ No original: “[...] appare e per tanti aspetti è il suo [libro] più costruito, nello stesso tempo è anche il più dissolto.”

¹⁷ No original: “Se si era cominciato con la ricerca di una precisione descrittiva, se finisce per trovar ela multiformità del reale.”



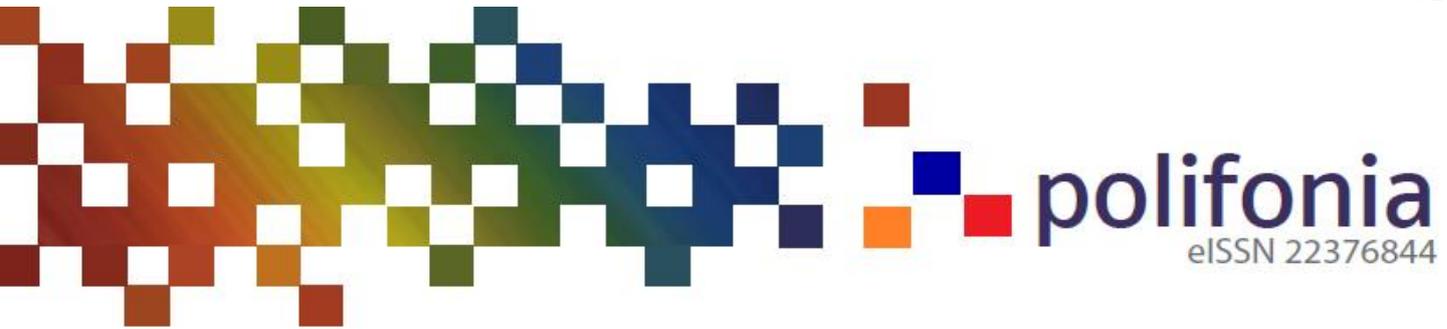
não se fixam em uma estrutura rígida e que só podem perdurar na memória se mesclados com a *imaginação*.

Primeira cidade “classificada” por Calvino sob a rubrica da memória, Diomira traz em si também as dificuldades a esta atinentes, mesclando-se não só com outras memórias — e apontando, assim, para as discussões entre memória individual e memória coletiva, abordadas no já clássico trabalho de Maurice Halbwachs (2006) —, mas também com as construções imaginárias que perpassam todas as memórias. Como bem destacam Jacques Le Goff (2013) e Paul Ricoeur (2007), a tentativa de reconstrução do passado feita pelas vias da rememoração tem como principal caminho a linguagem, que é sempre uma refração da realidade: memória e esquecimento, pois, andam juntos, e permeadas pela linguagem são desse modo atravessadas, também, pelo imaginário.

Esse diálogo com os saberes relativos à memória, por sua vez, funciona como mais um dos elementos apontados por Florencia Garramuño em sua reflexão sobre a inespecificidade:

Mas talvez o que mais chame a atenção no texto não seja tanto a diversidade de formas discursivas, mas o modo como graças a essa diversidade encontram lugar no texto preocupações e *problemas provenientes dos mais diversos “campos” e disciplinas*: a antropologia, a política, a literatura, mas também a fotografia, o que faz do romance muito mais que um espaço de preocupações literárias, ficcionais ou de construção artística. (GARRAMUÑO, 2014, p. 38, grifos meus).

O livro de Calvino, uma vez mais, aponta para uma dissolução, desta vez entre os campos disciplinares, evidenciando o espaço literário como um espaço também de produção de conhecimentos, esgarçando os seus limites e fazendo transitar pelas páginas alinhadas e rigorosamente ordenadas a pluralidade de movimentos apontada por Mario Barenghi e citada na segunda seção deste artigo. É assim, percorrendo as 55 cidades narradas por Marco Polo, refletindo sobre os *problemas provenientes dos mais diversos “campos” e disciplinas* e escolhendo dentre os diversos percursos de leitura que a estrutura de *As cidades invisíveis* nos possibilita, que chego a Berenice, a “cidade injusta”, última cidade descrita pelo jovem mercador veneziano.

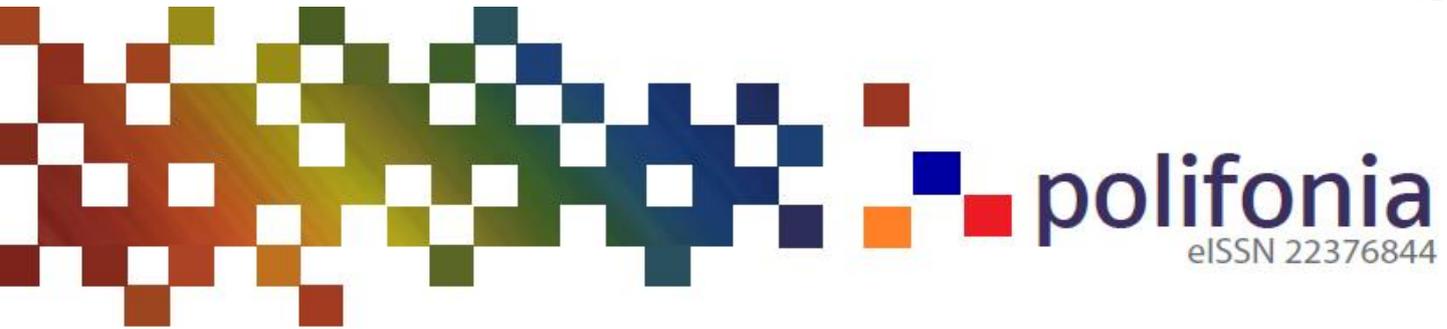


Em vez de falar de *Berenice, cidade injusta*, que coroa com tríglifos ábacos métopes as engrenagens de suas *máquinas de triturar carne* (os funcionários responsáveis pela limpeza, quando levantam a cabeça acima dos balaústres e contemplam os átrios, as escadarias, os pronaus, sentem-se ainda mais enclausurados e baixos de estatura), eu deveria falar da *Berenice oculta, a cidade dos justos*, atarefados com materiais de fortuna à sombra de almoxarifados e vãos de escada, atando uma rede de fios e tubos e roldanas e bielas e contrapesos, *que se infiltra como uma trepadeira entre as grandes rodas dentadas* (quando estas se entravarem, um surdo tique-taque anunciará que um novo mecanismo preciso governa a cidade); em vez de representar as piscinas perfumadas das termas em cujas bordas se estendem os injustos de Berenice enquanto tecem as suas intrigas com redonda eloquência e observam com olhar dominador as carnes redondas das odaliscas que se banham, deveria falar de como os justos, sempre prudentes em evitar as delações dos sicofantas e as armadilhas dos janízaros, reconhecem-se pelo modo de falar, especialmente pela pronúncia das vírgulas e dos parênteses; dos costumes que parecem austeros e inocentes eludindo os estados de ânimo complicados e sombrios; da cozinha sóbria mas saborosa que reevoca uma antiga idade de ouro: sopa de arroz e aipo, favas cozidas, flores de abobrinha fritas. (CALVINO, 2004, p. 146, grifos meus).

As primeiras descrições de Berenice levam-nos a cidades opostas, mas que não se anulam: *a cidade injusta*, que evoca uma crítica social à distribuição de riqueza nos núcleos urbanos, *oculta a cidade dos justos*, que se infiltra na primeira *como uma trepadeira*, de modo a futuramente provocar a parada *das grandes rodas dentadas*, das *máquinas de triturar carne* (humana?) que pesam sobre a população, e assumir assim o papel de um novo mecanismo de governo da cidade. Desse movimento, no entanto, a cidade justa não sai ileisa:

A partir destes dados é possível *inferir uma imagem da futura Berenice*, que estará mais próxima do conhecimento da verdade do que qualquer notícia sobre o atual estado da cidade. Contanto que se tenha em mente o que estou para dizer: *na origem da cidade dos justos está oculta, por sua vez, uma semente maligna*; a certeza e o orgulho de serem justos — e de sê-lo mais do que tantos outros que dizem ser mais justos do que os justos —, fermentando rancores, rivalidades, teimosias, e *o natural desejo de represália contra os injustos se contamina pelo anseio de estar em seu lugar e fazer o mesmo que eles*. Uma outra cidade injusta, portanto, apesar de diferente da anterior, está cavando o seu espaço dentro do *duplo invólucro das Berenices justa e injusta*. (CALVINO, 2004, p. 147, grifos meus).

Uma vez mais, o esfacelamento das fronteiras, aqui entre a cidade presente e a(s) cidade(s) futura(s), a cidade real e a(s) cidade(s) imaginada(s), a carregarem sempre ocultas em si as cidades que se lhe opõem: da cidade injusta surgirá uma cidade justa que, por sua vez, tornar-se-à injusta em diferente sentido, evidenciando a impossibilidade do binarismo justo/injusto e apontando, antes, para as diversas Berenices que se ocultam umas nas outras,



para uma cidade que é, ao mesmo tempo, real e imaginária, memória e projeção, acúmulo de formas que se abre no tempo e no espaço.

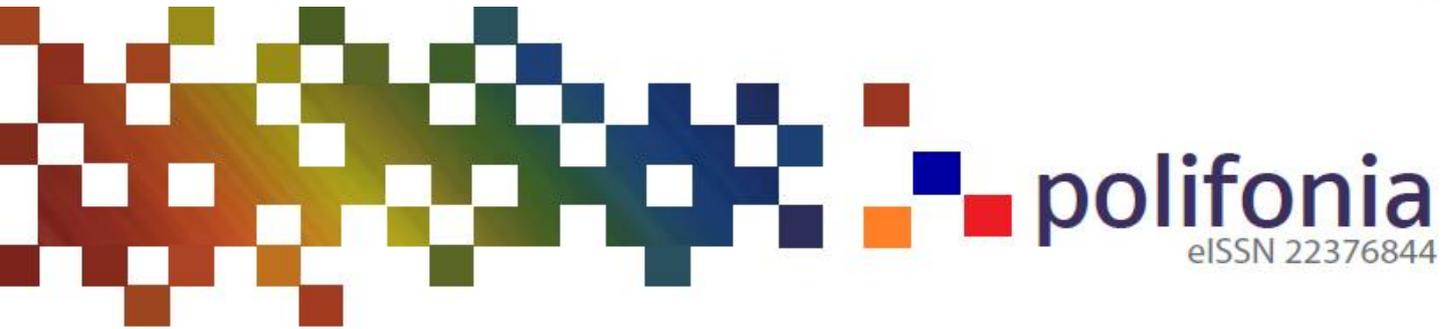
Dito isto, se não desejo que o seu olhar colha uma imagem deformada, devo atrair a sua atenção para uma qualidade intrínseca dessa cidade injusta que germina em segredo na secreta cidade justa: trata-se do possível despertar — como um violento abrir de janelas — de um amor latente pela justiça, ainda não submetido a regras, capaz de compor uma cidade ainda mais justa do que era antes de se tornar recipiente de injustiça. Mas, se se perscruta ulteriormente no interior deste novo germe de justiça, descobre-se uma manchinha que se dilata na forma de crescente inclinação a impor o justo por meio do injusto, e talvez seja o germe de uma imensa metrópole...

Pelo meu discurso, pode-se tirar a conclusão de que *a verdadeira Berenice é uma sucessão no tempo de cidades diferentes, alternadamente justas e injustas. Mas o que eu queria observar é outra coisa: que todas as futuras Berenices já estão presentes neste instante, contidas uma dentro da outra, apertadas espremidas inseparáveis.* (CALVINO, 2004, p. 147, grifos meus)

E aqui, Berenice, cidade simultânea e concomitantemente justa e injusta, dissolvendo uma vez mais os critérios de especificidade que lhe confeririam peculiaridade, é todas as demais cidades visitadas por Marco Polo, é todas as demais cidades conhecidas por Kublai Kahn, e é ainda todas as cidades concretas pelas quais Calvino, e nós, passamos ao longo de nossas vidas. Berenice nos assalta e faz pensar sobre as cidades em que vivemos e/ou gostaríamos de viver, sobre seus problemas e possibilidades, sobre sua complexidade, sobre nossas memórias, sobre os seres humanos, sobre ecologia, sobre urbanismo... E é justamente nessa “[...] retirada de todo sentido de pertencimento” do texto que se afirma uma “[...] outra forma de pensar esse potencial crítico da arte” (GARRAMUÑO, 2014, p. 25).

5. Fechando o atlas... momentaneamente

Quase 50 anos nos separam da publicação de *As cidades invisíveis* por Italo Calvino, em 1972. E o que acreditamos ter delineado ao longo deste artigo é sua potencialidade, ainda hoje, para mobilizar novas leituras e novos saberes. Longe de se esgotar, como uma enciclopédia aberta a narrativa de Calvino parece reafirmar as impressões do escritor sobre o próprio livro, de que ali estava, inscrita na figura da cidade, uma infinidade de “reflexões, experiências e conjecturas”. A leitura aqui apresentada, recorrendo a conceitos contemporâneos, como os de



complexidade, ecologia dos saberes e inespecificidade, não faz mais do que apontar um caminho entre muitos. Afinal, nesse atlas do império de Kublai Khan elaborado pelo escritor italiano, múltiplos saberes se aproximam, em movimentos concorrentes ou concordantes, que parecem reproduzir os mesmos movimentos por ele apontados na literatura de Carlo Emilio Gadda: “De qualquer ponto que parta, seu discurso se alarga de modo a compreender horizontes sempre mais vastos, e se pudesse desenvolver-se em todas as direções acabaria por abraçar o universo inteiro” (CALVINO, 1995, p. 122).

Talvez seja essa a potência da narrativa calvinianas: lançar-se para todas as direções, acumular ao seu redor, orbitando à sua volta, pesquisas das mais diversas áreas e desenvolvidas sob as mais distintas perspectivas, propiciando assim o surgimento de novas constelações de saberes. Abraçar, com 55 cidades e 18 diálogos, o universo inteiro.

Referências

ALBORINI, Franca; CRAPIZ, Romeo; DE MARCHI, Mirka. “*Le città invisibili*” di Italo Calvino e la molteplicità conoscitiva. Udine: Forum, 2005.

BARENGHI, Mario. Note e notizie sui testi. *Le città invisibile*. In: CALVINO, Italo. *Romanzi e racconti*. Milano: Arnoldo Mondadori, 2004. v. 2. p. 1359-1365.

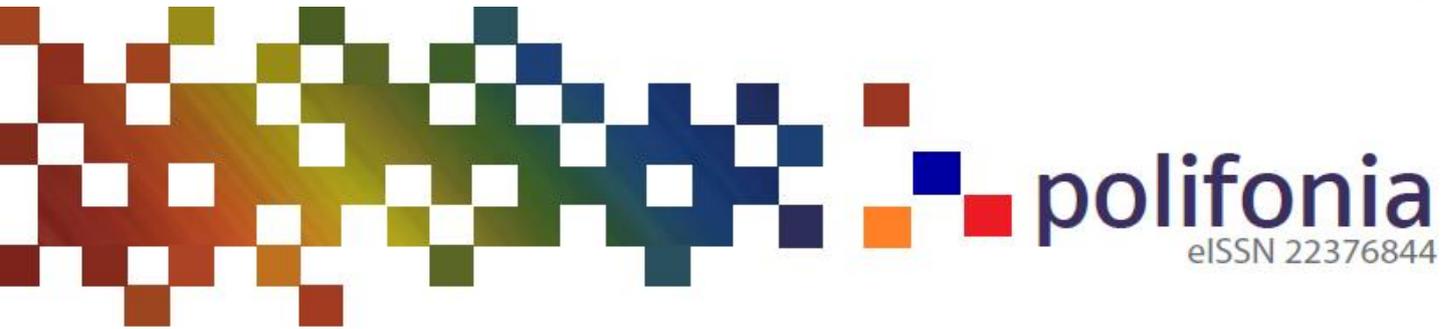
BARENGHI, Mario. Prefazione. In: ALBORINI, Franca; CRAPIZ, Romeo; DE MARCHI, Mirka. “*Le città invisibili*” di Italo Calvino e la molteplicità conoscitiva. Udine: Forum, 2005. p. 7-9.

BARENGUI, Mario. *Italo Calvino, le linee e i margini*. Bologna: Il Mulino, 2007.

CALVINO, Italo. *Le città invisibili*. Milano: Mondadori, 1993.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução de Ivo Barroso. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. 2. ed. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.



CALVINO, Italo. Filosofia e literatura. *In*: CALVINO, Italo. *Assunto encerrado*: discurso sobre literatura e sociedade. Tradução de Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 180-187.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. Ilustrações de Matteo Pericoli. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos estranhos*: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

GIL, Fernando. Classificações. *In*: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Vol. 41. Conhecimento. Maia: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2000. p. 90-110.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jaques. A ordem da memória. *In*: GOFF, Jaques Le. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão, Irene Ferreira e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Editora Unicamp, 2013. p. 387-499.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

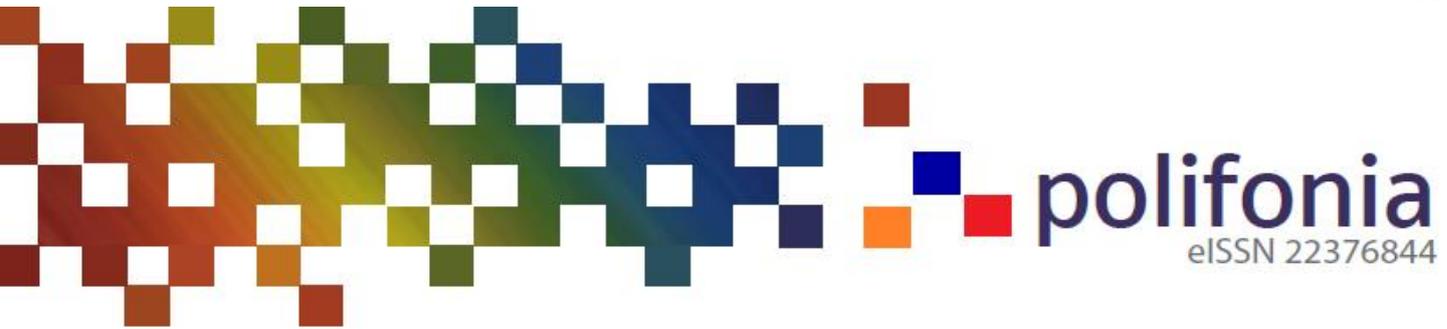
MENGALDO, Pier Vincenzo. L'arco e le pietre (Calvino, 'Le città invisibili'). 1975. *In*: ALBORINI, Franca; CRAPIZ, Romeo; DE MARCHI, Mirka. "*Le città invisibili*" di Italo Calvino e la molteplicità conoscitiva. Udine: Forum, 2005. p. 45-47.

MILANINI, Claudio. Arte combinatoria e geografia mentale: Il Castello dei destini incrociati e Le città invisibile. *In*: MILANINI, Claudio. *L'utopia discontinua*: saggio su Italo Calvino. Milano: Garzanti, 1990. p. 127-147.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução de Eliane Lisboa. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

PESSOA NETO, Anselmo. Índice/moldura: a técnica compositiva de Italo Calvino. *Signótica*, Goiânia, n. 7, p. 1-16, jan./dez. 1995.



PIERANGELI, Fabio. Suggestioni per l'imperatore e discesa agli inferi: Le città invisibile. *In*: PIERANGELI, Fabio. *Italo Calvino: la metamorfosi e l'idea del nulla*. Soveria Mennelli: Rubbettino Editore, 1997. p. 73-94.

POMBO, Olga. Da classificação dos seres à classificação dos saberes. *Leituras - Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa*, Lisboa, n. 2, p. 19-33, 1998. Disponível em: <https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~ommartins/investigacao/opombo-classificacao.pdf>. Acesso em 10 abr. 2021.

RICOEUR, Paul. Da memória e da reminiscência. *In*: RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas: Editora Unicamp, 2007. p. 25-142.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2008a.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008b.

SANTOS, Boaventura de Sousa. As ecologias dos saberes. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa. *Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Essencial*. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas. Buenos Aires: CLACSO, 2018. p. 223-259.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula G. de; NUNES, João Arriscado. Introdução. Para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 21-101.

STENGERS, Isabelle. *A invenção das ciências modernas*. Tradução de Max Altman. São Paulo: Ed. 34, 2002.

VIGNAUX, Georges. *O demônio da classificação: pensar/organizar*. Tradução de Sylvie Canape. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.